



AS
RÊS
RELIGIÕES
DO LIVRO

Anselmo Borges
João Gouveia Monteiro
COORDENAÇÃO

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2012

**PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO DO LIVRO
“DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA*.
JORGE SAMPAIO”**

SENHOR DOUTOR JORGE SAMPAIO,
SENHORA VICE-REITORA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
SENHOR VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA,
SENHORA VEREADORA DA CULTURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA,
SENHOR DIRECTOR DA FACULDADE DE LETRAS,
SENHOR DIRECTOR DA FACULDADE DE DIREITO,
SENHOR DIRECTOR DA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
SENHOR DIRECTOR DA BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
SENHOR PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO ENGENHEIRO ANTÓNIO DE ALMEIDA,
REPRESENTADO PELA SENHORA DR. EUGÉNIA AGUIAR-BRANCO E PELO
SENHOR DR. AUGUSTO AGUIAR BRANCO,
SENHORES DOUTORES,
SENHORES ESTUDANTES,
SENHORAS E SENHORES:

Do ilustre Director da Imprensa da Universidade de Coimbra, Senhor Doutor João Gouveia Monteiro, recebi o amável convite para apresentar o livro, subordinado ao título *Doutoramento Honoris Causa. Jorge Sampaio*. Embora pouco afeito a reaparições a propósito de um acto público em que já interviera envergando a veste ataviada de orador, não tive como o recusar. Para além da minha condição de membro do Conselho Editorial

²⁷ Professor Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

da Imprensa da Universidade de Coimbra me colocar de turno, senti que o pedido do Senhor Director nascia de uma imperecível amizade que alonga as suas raízes aos bancos da Escola. E as amizades que se constroem nos bancos da Escola são aquelas que mais resistem às vicissitudes da vida. São aquelas que nos acompanham até à viagem de onde não há regresso. Desde logo importa render tributo aos que participaram na execução da obra. A aparatosa edição é da Imprensa da Universidade de Coimbra, a direcção de *design* de António Barros, a infografia de Carlos Costa e a impressão passou pelos desvelos da Gráfica de Coimbra e de Manuel Gândara.

Aguarda o visitante do livro uma esplêndida surpresa. As magníficas imagens nele inseridas e dispostas numa sucessão de irrepreensível coerência permitem acompanhar *pari passu* o desenrolar da cerimónia de doutoramento. Edificai-vos, regalai os olhos, parece dizer o livro, como se fosse uma flor animada na ânsia de voltar a viver aquele dia.

Senhoras e Senhores:

A obra contou com o benfazejo e decisivo patrocínio da Fundação Engenheiro António de Almeida, beneficiando da generosidade do seu Presidente, Senhor Doutor Fernando Aguiar-Branco, também ele Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra. Só reconhece quem conhece. E eu conheço o Senhor Doutor Fernando Aguiar-Branco. Exibe o senhorio de uma argúcia subtil. As vagas alterosas e meândricas dos problemas esboroam-se aos pés da prudência carinhosa do Senhor Doutor Aguiar-Branco. O Doutor Fernando Aguiar-Branco prima pelos primores que nele coexistem em perfeita e rematada concórdia. Primores de inteligência, primores de sensatez, primores de educação e primores de cortesia. Elevados à derradeira minúcia, os esmeros da sua finura de trato enobrecem-lhe a atitude e o gesto.

Da cultura clássica ao direito, da literatura à história e à filosofia, múltiplos foram os domínios e os recantos do saber que têm cativado o interesse e a protecção do Senhor Doutor Aguiar-Branco. Bem merece o título de Príncipe Renascentista das Fundações Portuguesas.

Senhoras e Senhores:

Numa belíssima formulação quinhentista, um livro há-de ser o que nele está contido. E o que está contido neste livro são as três peças escritas que integraram o Doutoramento *Honoris Causa* do Senhor Doutor Jorge Sampaio. Constitui a primeira a denominada Petição de Grau, da autoria, como é de preceito, do próprio Doutor Jorge Sampaio. De modo radioso, Jorge Sampaio não se limitou a mostrar a sua ligação fraterna à Universidade de Coimbra e a impetrar, *elegantemente*, a concessão do grau de Doutor *Honoris Causa*. Pediu bem mais. Pediu, sem reboço, a reforma do nosso pachorrento sistema de justiça. Na consciência de que, as palavras pertencem-lhe, “justiça que não seja célere gera impunidades, penaliza inocentes e enfraquece a autoridade democrática do Estado de Direito, ao favorecer a deslocação para o julgamento da praça pública e para o ruído egoísta da exploração mediática, o que caberia a uma responsável resposta dos agentes do sistema”. Inteira razão tinha, pois, o pensamento clássico quando afirmava certamente que *pax opus justitiae*. A paz é obra da justiça. Uma máxima rutilante que se sobrepuja em períodos de crise. Quando a própria administração da justiça, fraca perante os fortes e forte perante os fracos, cria injustiças, é a paz íntima de todos nós, chamados a sacrifícios imprevistos, que se inquieta irremediavelmente. É o raciocínio das pessoas bem dispostas e dispostas ao bem que se tolda. É o próximo que fica mais distante. A Universidade de Coimbra concedeu jubilosamente a Jorge Sampaio as insígnias de Doutor *Honoris Causa* pela Faculdade de Direito. Oxalá o futuro lhe conceda a almejada reforma da administração da justiça.

O livro acolhe, no capítulo segundo, o tão cintilante quanto copioso elogio de Jorge Sampaio proferido pelo Professor Catedrático da Faculdade de Direito, Doutor Manuel da Costa Andrade. Servido pela imensidão dos seus horizontes culturais, o discurso de Costa Andrade gerou uma atmosfera retórica de encantamento em suave harmonia com as cores e os sons que o rodeavam. Prevaleceu-se Costa Andrade da sua apurada sensibilidade aos múltiplos valores estéticos contidos num texto de fino recorte literário, provando, mais uma vez, como dizia António Ferreira vão passados cerca de quatro séculos e meio, que “não fazem dano as Musas aos Doutores”.

A rota discursiva de Costa Andrade seguiu uma linha de rumo de antemão cuidadosamente tracejada no seu mapa ideativo. Em vincado afloramento da lucidez e sabedoria da Universidade, desvelou a compreensão dualista do Doutorado *Honoris Causa*. Soprados não sabemos bem por que sina, os corredores da folha académica aproximam-se sempre.

Na sugestiva maratona organizada por Costa Andrade, “uns começam a jornada na Universidade, donde saem, vai já alto o sol, para o mundo da vida a que oferecem as luzes e os saberes de que são portadores. Outros, inversamente, começam logo de madrugada a arrotear os campos e a correr de encontro ao vento. Colhendo, interiorizando e sistematizando as lições da Universidade da vida que só mais tarde conhecem a validação dogmática da academia”. O lugar do homem no apreço dos outros, para utilizar uma expressão de Schopenhauer, foi o que trouxe o Senhor Doutor Jorge Sampaio à Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra. Quem habitou, habita ou deseja vir a habitar as cumeeiras do *Cursus Honorum* de um País onde sopram aragens, ora docemente encantatórias, ora severamente cortantes, necessita de uma formação sólida e irrepreensível. Exibiu-as o Doutor Jorge Sampaio e evidenciou-as, na sua oração, o Doutor Costa Andrade. Como num monumento de pedra, nela se misturam grandeza, reconhecimento e gratidão. Tudo envolto numa luz de uma tocha rebrilhante de exemplaridade. À imagem do arquétipo convocado por Costa Andrade e saído do autor da *República*, o qual gritava ao político a ainda tão acesa advertência: “não imponha ao povo leis a que ele próprio não obedeça, antes exponha a sua vida perante os cidadãos como uma lei”. Primeiro como político, depois como homem de leis, Costa Andrade acompanhou, passo a passo, o percurso rútilo do Doutor Jorge Sampaio. Quase o viu viver. Enfim, uma oração esplendente para uma cerimónia de esplendor.

Senhoras e Senhores:

A terceira e última parte do livro encerra o elogio do Doutor Avelãs Nunes, proferido pelo Professor Catedrático da Faculdade de Direito, Rui Manuel de Figueiredo Marcos, ou seja, quem está perante Vossas Excelências. Naturalmente que me atinge uma inibidora *capitis deminutio* para apreciar

a oração que proferi. Não oculto que não me desairava o traje escutar uns elogios. Mesmo tímidos que fossem. Lamento a oportunidade perdida. É que o discurso me preocupou muito no sentido de que me ocupou muito o espírito. Esquecido do tempo e de mim próprio, elaborei-o como um mosaico que se constrói, pouco a pouco, afeiçoando cada uma das pedrinhas. Caía na permanente tentação de as mudar de lugar ou de as colorir um pouco mais.

O discurso fazia-me temer as horas caladas. Acordava ao menor ruído, numa vigília sem tréguas. Aqui fica uma assustadora confissão. Só o dei por definitivamente concluído quando me apercebi, através de um inquietante relance, que o Doutor Avelãs Nunes tomara de assalto a instituição monárquica. Todos os soberanos retratados na Sala dos Capelos tinham a cara do Doutor Avelãs Nunes. *In terminis terminantibus*, depois a caneta. Não podemos admirar sem julgar. E um homem não pode ser julgado sem que o essencial da sua órbita esteja desenhado e percorrido. O Doutor Avelãs Nunes já tinha muito caminho andado e deixara nele abundantes sulcos. Eu apenas me limitei a segui-los. Sulcos que se traduziram numa obra de vulto que foi erguendo à vista de todos e que é o seu cântico interior. Concebeu-a, acarinhou-a, viveu com ela largos anos. Ora em velada tranquila, ora em alvoroço criador. Os verdadeiros Mestres, como Avelãs Nunes, escrevem livros para ensinar. Os que o não são escrevem livros para mostrar que aprenderam. Os que o tencionam vir a ser escreverão livros para cair nas boas graças do desempenho. Nos estudos, recomenda-se que tenhamos limite e modo. Para Avelãs Nunes, o limite e o modo é não ter modo nem limite. A sua busca infrene do saber tudo invade, não tolerando a erudição ligeira e o discurso pleno de amenidades superficiais. Da oração de louvor faíscam ideias de flagrante actualidade que o Mestre da Faculdade de Direito de Coimbra não se cansou de apregoar. A sua devoção pelo homem verdadeiro em detrimento do *homo oeconomicus*, tantas vezes o homem de semblante amargurado, coberto de meiga indignação, que encontra numa estrela o único confidente atento às suas preces e à sua aflição. A agonia do Estado Social magoa. Avelãs Nunes cedo a antecipou, adivinhando o cenário borrascoso de uma desregulada regulação que nos atormenta.

Na condução da vida universitária, Avelãs Nunes deixou-nos também um ensinamento inolvidável. Mostrou que dirigir não significa apenas medir e

calcular. Menos será amortalhar os ânimos com regulamentos sufocadores de forte pendor burocrático.

108

Jorge Sampaio e Avelãs Nunes encontram-se unidos, não apenas pelo Doutorado *Honoris Causa*, mas, sobretudo, por uma digníssima coerência de vida. Tanta diferença há entre nós e nós mesmos como entre nós e outrem. Do cimo do seu pensamento vibrátil, asseverou-o Montaigne. É um atributo raro ser toda a vida o mesmo homem. De ambos cumpre dizer simplesmente o que Avelãs Nunes disse de Jorge Sampaio: “pode sentir o conforto moral e intelectual de quem se manteve, pela vida fora, igual a si próprio”. Não derramarei mais palavras viradas para o passado. Olhemos em frente. Jorge Sampaio e Avelãs Nunes não pertencem à categoria dos viandantes exaustos. Só eles se sentam à beira da estrada, medindo, lugubrememente, o caminho percorrido. A vida pública e a Universidade esperam ainda muito da sua juventude amadurecida e do seu experimentado talento.

Senhoras e Senhores:

Em tempos de virtude espezinhada, ganha ainda mais sentido o louvor à virtude autêntica, porque a “virtude louvada vive e cresce e o louvor altos casos persuade”. Eis a mensagem viva de Camões, que o livro apresentado deixará impressa na nossa lembrança.